

# Linguagem do poder, poder da linguagem: Estratégias argumentativas em discursos de Vargas e Lula

*Language of power, power of language: Argumentative strategies in Lula and Vargas' speeches*

Murilo Silva de Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Getúlio Vargas foi um dos maiores conhecedores da propaganda política na história brasileira. Como ninguém, soube articular ideias e fazer com que as massas populares aderissem ao seu projeto e apoiassem o seu governo. Por isso, Vargas é classificado como “populista”, adjetivo constantemente usado na tentativa de definir algumas figuras políticas contemporâneas. Tendo essas questões em mente, este trabalho buscará entender, com aparato metodológico da Linguística Textual, quais estratégias argumentativas usadas por Vargas contribuíram para que ele se tornasse a figura amada que foi. Além disso, tentará traçar possíveis semelhanças entre seus discursos e uma entrevista dada pelo ex-presidente Lula, uma dessas figuras contemporâneas chamadas cotidianamente de populistas.

**ABSTRACT:** Getulio Vargas was one of the leading experts about political propaganda in Brazilian history. He knew how to articulate ideas to obtain mass approval of his government. So, Vargas is classified as “populist”, adjective used many times in order to describe contemporary political figures. With these issues in mind, and using methodology from Textual Linguistics, this paper aims to understand the argumentative strategies used by Vargas that helped him to become a so beloved figure. Moreover, the paper attempts to trace possible similarities between his speeches and an interview given by the Brazilian ex-president Lula, one of these contemporary figures classified as populist.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estratégias argumentativas. Getúlio Vargas. Lula.

**KEYWORDS:** Argumentative strategies. Getulio Vargas. Lula.

## I. INTRODUÇÃO

*“Palavras são ideias”*

**Ricardo Reis**

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social-Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa. Email: muriloaraujouv@yahoo.com.br

Quando uma suposta revolução leva Getúlio Dornelles Vargas ao poder em 1930, se inicia uma verdadeira era na história política brasileira. Foram quinze anos de ditadura, em que muitos direitos foram cerceados, e algumas vozes caladas. Apesar deste lado da história, de que não se ouve tanto falar, o baixinho gorducho de figura pouco marcante ainda conseguiu a peripécia de voltar ao poder por voto direto, “nos braços do povo”, em 1950.

Vargas deixou marcas significativas no jeito de fazer política no Brasil, desde a sua passagem pelo Palácio do Catete. Depois de sua morte, muitos dos candidatos à presidência, Jânio Quadros, por exemplo, se apresentaram como seus “sucessores”, levando multidões à adesão e ao voto. Por muito tempo, o nome de Getúlio Vargas foi bandeira de partido nas disputas eleitorais.

Hoje, sem poder mais recorrer ao suposto apoio póstumo do “Pai dos Pobres”, muitos políticos continuam buscando em Vargas a fórmula certa do jeito de falar às massas para conquistá-las. Não podemos hoje dizer que temos políticos “populistas”, como Vargas o foi, já que o populismo só foi possível em um momento muito específico da história do Brasil, e não pode ser remontado, já que o país é outro e, portanto, os sujeitos sociais e políticos são outros. Ainda assim, temos hoje muitas figuras que se colocam, a exemplo de Vargas, como parceiros das massas, estabelecendo relações de familiaridade e amizade, se utilizando especialmente da mídia para construir estratégias de popularização e aproximação.

Apesar de esta influência de Vargas se apresentar de forma tão concreta na realidade política brasileira e apesar de terem sido muitas as estratégias de legitimação utilizadas pela propaganda política populista, parece ainda haver poucos estudos interessados nas estratégias argumentativas usadas nas falas do presidente, ou mesmo sobre ele, no contexto do populismo.

Durante a realização desta pesquisa, encontrou-se apenas o estudo de Maria Emília A. T. Lima (1990), intitulado *A Construção Discursiva do Povo Brasileiro: Os discursos de 1º de Maio de Getúlio Vargas*, que analisa especialmente o sentido que ganha a palavra “povo” nos discursos do presidente. Trata-se de um estudo referencial, numa perspectiva linguística, debruçada sobre os textos.

Creio que certamente há elementos novos a serem lançados, tanto pela possibilidade de análise a partir de outros pressupostos teóricos sobre Vargas e sobre o populismo, quanto pelo próprio desenvolvimento dos estudos da Linguística, especialmente da Linguística Textual, que constituirá as lentes através das quais analisaremos o objeto desta pesquisa.

Além disso, ainda permanece a lacuna de estudos que se dediquem à análise de discursos produzidos por estas outras figuras políticas, a quem hoje se atribui o adjetivo de “populista”, ainda que, como já foi dito, o populismo seja um fenômeno de momento histórico específico.

Entendo que para que haja esta adjetivação corriqueira certamente o senso comum reconhece nestas personalidades contemporâneas um jeito de fazer política semelhante ao que foi consagrado por Getúlio Vargas em seu

tempo. Assim, surge a curiosidade de analisar as semelhanças e diferenças entre estes discursos, tentando estabelecer limites possíveis de comparação, levando em conta o contexto de produção destes textos.

Nesse sentido, o presente trabalho vem lançar alguns elementos sobre os discursos da propaganda política populista no governo de Vargas, tentando entender estratégias argumentativas o elevaram da categoria de golpista à de um dos presidentes mais amados pelas massas populares na história política do Brasil. Além disso, tentará traçar possíveis semelhanças entre estes discursos e uma entrevista dada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva ao jornalista Luiz Fara Monteiro no programa *Café com o Presidente*, veiculado pela Radiobrás, no dia 1º de maio de 2006. A escolha do presidente Lula se deu exatamente por ser ele uma destas figuras contemporâneas chamadas cotidianamente de populistas.

Sem querer estabelecer vínculos necessários e fechados entre Vargas e Lula, como se este fosse um herdeiro das concepções e do jeito de fazer política daquele, pretende-se aqui visualizar de forma mais clara quais estratégias de aproximação do povo permanecem desde Getúlio.

## 2. DEFININDO PERCURSOS

Algumas ideias fundamentais compõem o percurso por que passará este trabalho, sendo necessário defini-las de forma mais clara antes de seguirmos com nossa análise.

### 2.1 DISCURSO POLÍTICO

A curiosidade pelo estudo de *discursos políticos* aqui se dá pela forma como eles estruturam e expressam o *discurso político* corrente em determinado contexto. Esta frase parece redundante ou mesmo confusa, mas é assim por estarmos tratando de conceitos diferentes nomeados quase da mesma forma: *discursos políticos* e *discurso político*.

Definindo um pouco melhor a questão, quando trato de *discursos políticos*, falo de discurso partindo da definição de gêneros textuais: textos concretos, “materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008). Em outras palavras, são os *enunciados* de caráter político, produzidos em ocasiões específicas como comícios, inaugurações e festas cívicas, ou mesmo em entrevistas, debates eleitorais etc.

Quando falo do *discurso político*, porém, trato de um conceito mais próximo do que Marcuschi (2008) chama de *domínio discursivo*: “rotinas” comunicativas institucionalizadas, formas de organização da linguagem dentro de um determinado campo de atividade humana — neste caso, o campo da política.

Vale, porém, destacar que esta diferenciação vai nos servir apenas neste momento. De certa forma, daqui para frente, estas duas noções serão usadas sem encarar como um problema o risco que têm de se confundir. Os discursos (enunciados) políticos são, por excelência, os textos em que o discurso (domínio discursivo) político se expressa de forma mais evidente, porque são

textos estruturados especificamente para reproduzir e reforçar as ideologias institucionalmente produzidas no campo político. Essa relação evidencia o que se estava querendo discutir no início deste capítulo: a curiosidade pelo estudo de *discursos políticos* aqui se dá pela forma como eles estruturam e expressam o *discurso político* corrente em determinado contexto. Considerando que não há melhor objeto para entender o discurso político, é que se escolhe fazer sua análise.

É ainda importante destacar que esta curiosidade parte da ideia de que as ações políticas são mais facilmente compreendidas quando se entendem as ideologias que permeiam os discursos produzidos no campo político. Como afirma Charaudeau (2006):

O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram pensamento e ação políticos. A ação política e o discurso político são indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso. (CHARAUDEAU, 2006, p.39)

Evidenciadas estas questões, fica clara a importância do estudo dos discursos para entender o papel de centralidade que desempenha no jogo político, em especial no caso do populismo, que é o nosso objeto de análise.

## 2.2 A NOÇÃO DE ARGUMENTAÇÃO

Como lidamos aqui com *estratégias argumentativas*, outra questão importante que se precisa considerar é a noção de argumentação em que se baseia esta pesquisa. A epígrafe do trabalho já ajuda a entender um pouco desta concepção: “*Palavras são ideias*”, afirma o heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis. Em outras palavras, entende-se aqui que todo e qualquer texto traz consigo uma carga argumentativa, pois traz consigo uma forma de pensar, um nível de intencionalidade pela presença de certos objetivos para os quais está orientado.

Assim, fica claro que a argumentação que estamos buscando entender não tem necessariamente um caráter voltado para a manipulação dos interlocutores, mas busca formas de conseguir adesão a alguma coisa e expressar uma dada “visão de mundo”. Koch (2006) ajuda a entender essa noção quando afirma que “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo” (KOCH, 2006, p.17, grifos da autora). *Estratégias argumentativas* neste trabalho são, portanto, os marcadores textuais da ideologia presente nos textos que serão analisados — os discursos políticos.

Sobre este trabalho de interpretação, Koch (2006) ainda considera que:

toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções, ao comunicar-se. Compreender uma enunciação é, nesse sentido, apreender essas intenções. A noção de intenção não tem, aqui, nenhuma realidade psicológica: ela é puramente linguística, determinada pelo sentido do enunciado, portanto linguisticamente constituída. Ela se deixa representar de certa forma no enunciado, por meio do qual estabelece entre os interlocutores um jogo de representações, que pode corresponder ou não a uma realidade psicológica ou social. (KOCH, 2006, p. 22)

Nesse sentido, esta pesquisa traz o esforço por encontrar em discursos de Vargas e Lula as marcas que representam as ideologias presentes no jogo político que se configurou no Populismo brasileiro. Sem categorizar Lula como populista, o que seria inadequado, pretende-se basicamente investigar quais marcas foram deixadas pelo jeito de fazer política inaugurado por Vargas. Comparando os discursos, tentaremos observar a recorrência do uso de determinadas estratégias, ou mesmo diferenças importantes entre os dois presidentes.

### 3. AS CONFIGURAÇÕES DO POPULISMO

Em diversas situações bastante cotidianas hoje, o adjetivo “populista” costuma ser dado a umas e outras figuras públicas que se comportam de maneira mais “próxima” do povo. Referem-se, por exemplo, a tentativas de “popularização” de determinados líderes políticos através da mídia, na busca por estabelecer com o seu público uma ligação mais direta. Se os historiadores definem a figura de Getúlio Vargas como uma espécie de iniciador do populismo na política brasileira, o senso comum pregou o adjetivo em figuras, como, por exemplo, os presidentes Luís Inácio Lula da Silva, no Brasil, e Hugo Chaves, na Venezuela, bastante contemporâneos.

Segundo Debert (1981), se as várias definições do *populismo* já são suficientemente ambíguas, esta última, muito ampla, geraria grandes dificuldades de análise do fenômeno, tendo em vista que seríamos obrigados a chamar de populistas grande parte dos políticos atuais, alguns deles com disparidades significativas de concepções e modelos de governo.

É necessário, portanto, delimitar melhor o conceito para reduzir ambiguidades e favorecer o entendimento do termo. Para a autora, no caso do Brasil, o populismo “faz referência à emergência das classes populares na vida política do país” (DEBERT, 1981, p. 54), ocorrida em um momento muito específico da nossa história. Segundo Weffort (1980), esse momento, localizado especificamente a partir da década de 1930, se caracterizou por uma profunda crise tanto nas classes ligadas à produção cafeeira quanto na burguesia industrial que começava a se desenvolver no país. De fato, depois de sucessivas crises do café, era necessária uma solução para os problemas econômicos da velha oligarquia agrícola;

ao mesmo tempo, os donos das indústrias nascentes cobravam um sistema de governo que atendesse às demandas do projeto de modernização do Brasil.

*Apesar da crise*, esses grupos ainda coexistiam no jogo político brasileiro da época, figurando como grupos dominantes. Por outro lado, exatamente por causa da crise, nenhum deles conseguia ter as condições necessárias para estabelecer as bases de um governo e legitimar um projeto político voltado para seus interesses.

Neste contexto, em 1930, Getúlio Vargas sobe ao poder sob a promessa de conciliar os interesses aparentemente contraditórios destas duas classes, que foram, de alguma forma, as responsáveis pela sua chegada à presidência através de um golpe. O novo presidente se coloca na posição de grande negociador, tentando resolver o problema a partir de políticas mistas de câmbio e comércio. A habilidade de conciliar vai garantir a Vargas uma legitimidade singular para permanecer no poder.

Porém, a instabilidade do jogo de equilíbrio de interesses aos poucos vai aparecendo, e se percebe que ele não pode ser mantido por muito tempo. Em 1937, a ditadura aparece como a solução para consolidar o poder político de Vargas, e tem por característica especial a tentativa de ampliação das bases sociais do poder.

Dessa forma, a figura de Getúlio Vargas — que aparece neste momento como a figura do próprio Estado — vai construindo formas de aproximação das massas a fim de conseguir a legitimidade necessária para constituir a ditadura, que ficou conhecida na história brasileira como *Estado Novo* (1937-1945).

Para pensar e encontrar estratégias de propaganda que favorecessem o processo de legitimação das ações do Estado, além de preservar sua imagem através do controle das informações veiculadas sobre ele, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O órgão servia para orientar, controlar e censurar a imprensa e, ao mesmo tempo, gerar conteúdo propagandístico de exaltação das ações do governo (CAPELATO, 1999).

No objetivo de construir para Vargas a imagem de líder paternal e benevolente, o DIP produziu radionovelas, livros, cartilhas, filmes etc. Nas festas de caráter cívico como Dia do Trabalho, Dia da Independência e, por incrível que pareça, a festa de aniversário de Getúlio, os pronunciamentos do governante ocupavam posição de centralidade e, segundo Capelato (1999), costumavam fornecer o conteúdo básico de toda a propaganda.

Porém, poucas dessas técnicas foram tão utilizadas para a legitimação da imagem do governo quanto o rádio. Como nesta época, grande parte da população ainda era analfabeta, ele foi usado de forma muito expressiva, dando centralidade também a alguns dos pronunciamentos do presidente. O programa *A Hora do Brasil*, por exemplo, criado já em 1931, foi reestruturado pelo DIP em 1939 para se adequar melhor às necessidades da ditadura estabelecida. “O programa tinha três finalidades: informativa, cultural e cívica. *Divulgava discursos oficiais e atos do governo*, procurava estimular o gosto pelas artes populares e

*estimulava o patriotismo, rememorando feitos gloriosos do passado*” (CAPELATO, 1999, p. 176, grifos meus).

Em comparação ao período do Estado Novo, evoluímos no sentido de já ter uma população bastante alfabetizada, e com maior acesso a uma série de meios de comunicação como a televisão, por exemplo, que se apresenta como uma grande possibilidade à propaganda política, para não citar tantas outras tecnologias cada vez mais disponíveis. O que parece curioso é que, apesar destas “evoluções”, o sistema de comunicação estatal brasileiro hoje ainda é baseado predominantemente na produção de conteúdo radiofônico. Vale destacar que o rádio tem uma série de possibilidades de aproximação com a audiência: pelas suas próprias características, permite, por exemplo, o uso de vocabulário mais coloquial, numa linguagem mais natural e franca.

Forte evidência disso é a existência do programa *Café com Presidente*, criado no início do governo Lula, para ser um canal de comunicação entre ele e a população brasileira, usado ainda hoje pela atual presidenta Dilma Rousseff, agora sob o título *Café com a Presidenta*. Trata-se de uma entrevista de seis minutos com o governante, feita por um jornalista que apresenta o programa, numa dinâmica leve e pouco formal. É difundido gratuitamente via satélite em quatro horários diferentes às segundas-feiras, além de ficar disponível para *download* na internet. Trata de assuntos variados, referentes à economia, política, educação, enfim, tudo o que diz respeito ao governo.

#### **4. A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM**

Getúlio Vargas usava a propaganda política de forma bastante estratégica, especialmente no rádio. Os discursos do presidente constituíam conteúdo obrigatório da programação radiofônica. Chegavam a ser reproduzidos também em jornais e panfletos, mas eram especialmente trabalhados no rádio graças à dramaticidade possível nesse meio, além do fator do analfabetismo da população, como já citado. E segundo Capelato (1999), “Vargas não se perdia no jogo de palavras. O discurso do chefe era elaborado a partir de técnicas de linguagem: ele usava slogans, palavras-chave, frases de efeito e repetições ao se dirigir às massas”.

Os meios de comunicação reforçavam a figura do líder com frases como “a generosa e humanitária política social do presidente Vargas”; “reiteradas e expressivas provas de carinho ao presidente Vargas”; “a popularidade do presidente Vargas”; “homenagem de respeito e testemunho de gratidão ao presidente Vargas”. (CAPELATO, 1999, p.171)

Dessa forma, a imprensa conseguia ir trabalhando uma imagem positiva do governante, dando legitimidade ao poder e criando forte representação paternalista: o Brasil, como pátria, era apresentado como uma grande família, cujo chefe era o presidente da República.

Para melhor ilustrar todas as questões discutidas até aqui, passaremos

à análise de dois textos produzidos por Vargas, ambos orais e disponíveis em domínio público — o que possibilitou o acesso a eles para que este trabalho fosse elaborado. O primeiro deles é um trecho de sua fala no dia 1º de maio de 1939, durante a festa oficial do Dia do Trabalho.

Trabalhadores do Brasil! Aqui estou como de outras vezes para compartilhar vossas comemorações e testemunhar o apreço do homem do trabalho como colaborador direto da obra da reconstrução política e econômica da pátria. Não distingo na valorização do esforço construtivo do operário fabril, do técnico de direção, do engenheiro especializado, do médico, do advogado, do industrial e do agricultor.

Neste trecho, o principal elemento que podemos destacar é que Vargas se dirige à classe trabalhadora em segunda pessoa: “compartilhar vossas comemorações”. Em outras palavras, o presidente não se coloca como um homem do trabalho — talvez se coloque como o real responsável pela reconstrução política do Brasil, da qual os trabalhadores são os *colaboradores*.

Nota-se o efeito das escolhas lexicais. Com elas, o presidente se mostra de um sujeito em alguma medida superior, mas que, apesar disso, *está com os trabalhadores, como esteve em outras vezes, para compartilhar das suas comemorações*, ou seja, mantém-se ao lado do povo, sendo solidário aos trabalhadores, sem distingui-los em categorias de maior ou menor importância, como deixa explícito na parte final do trecho.

Vale ainda destacar a presença do vocativo *Trabalhadores do Brasil!*, costumeiramente utilizado por Getúlio Vargas nas aberturas de seus discursos, quase se tornando uma marca do presidente. De forma simples, revela uma identificação com as massas populares, tidas como “a classe trabalhadora”, de quem ele se mostrava um grande patrono e companheiro, especialmente depois da instalação do Estado Novo.

O segundo texto a ser analisado é o primeiro discurso público feito por ele em 1951, ano em que voltou ao poder eleito por voto direto, também no dia 1º de maio, durante a festa do Dia do Trabalho. O que se poderá notar é que o texto traz fortes evidências da forma como o presidente buscava se relacionar com o povo. Depois de ter passado algum tempo longe do poder que ocupara por 15 anos, em todo o texto Vargas vai evocar o sentimento de saudades do povo, trazendo à memória a forma amiga como havia governado em seu primeiro mandato. Trata-se de um texto bastante representativo do jeito populista de fazer governo, inaugurado por Getúlio.

Trabalhadores do Brasil! Depois de quase seis anos de afastamento durante os quais nunca me saíram do pensamento a imagem e a lembrança do grato e longo convívio que mantive convosco, eis-me outra vez aqui ao vosso lado para falar com a familiaridade amiga de outros tempos. E para dizer que voltei a fim de defender os



interesses mais legítimos do povo e promover as medidas indispensáveis ao bem-estar dos trabalhadores. Esta festa de 1º de maio tem para mim e para vós uma expressão simbólica. É o primeiro dia de encontro entre os trabalhadores e o novo governo. E é com profunda emoção que retorno ao vosso convívio neste ambiente de regozijo e de festa nacional em que nos revemos uns aos outros a céu aberto, em que o governo fala ao povo de amigo para amigo na linguagem simples e franca com que sempre vos falei. Trabalhadores do Brasil! Não me elegi sob a bandeira exclusiva de um partido, e sim por um movimento empolgante e irresistível das massas populares. Não me foram buscar na reclusão para que viesse fazer mera substituição de pessoas ou simples mudança de quadros administrativos. A minha eleição teve um significado muito maior e muito mais profundo. Porque o povo me acompanha na esperança de que o meu governo possa significar uma nova era de verdadeira democracia social e econômica e não apenas emprestar o seu apoio e a sua solidariedade a uma democracia meramente política que desconhece a igualdade social. Ouçam a ilusão dos que pretendem separar-me do povo ou separá-lo de mim. Juntos estamos e juntos estaremos sempre, na alegria e no sofrimento, nos dias de festa como o de hoje e nas horas de dor e de sacrifício. E juntos havemos de reconstruir um Brasil melhor, onde haja mais segurança econômica, mais justiça social, melhores padrões de vida e um clima novo de segurança e bem-estar para este bom e jubiloso povo brasileiro.

Neste discurso, Vargas retoma o sentimento de proximidade com o povo, o que, segundo ele mesmo, caracterizava o período em que esteve no governo — os quinze anos desde o golpe de 30 até o fim do Estado Novo. Podemos notar a representação que faz do seu governo anterior a partir dos seguintes aspectos:

a) O recurso que utiliza de forma mais predominante caracteriza-se pela aproximação de campos semânticos aparentemente distintos, de forma especial o campo da família ao do governo. Além de sequências em que Vargas trata explicitamente de amizade e proximidade, vê-se no trecho *Juntos estamos e juntos estaremos sempre, na alegria e no sofrimento*, por exemplo, uma construção metafórica que associa o compromisso do governo a promessas feitas durante o casamento. A ligação entre esses dois grupos de sentido cria o efeito de familiaridade e cumplicidade entre o governo e o povo, reforçando o caráter paterno da representação de Vargas.

b) No uso das pessoas do discurso, Vargas atribui para si a figura do governo. O Estado aparece representado na sua figura de governante, líder, sendo os verbos utilizados em sua maioria na primeira pessoa, personalizando as ações do governo em si: “E para dizer que *voltei* a fim de defender os interesses mais legítimos do povo”; “É o primeiro dia de encontro entre os trabalhadores e o *novo*

governo. E é com profunda emoção que [eu] retorno ao vosso convívio” – neste caso em específico, os termos novo governo e o sujeito implícito [eu] aparecem com alguma equivalência semântica; “o povo me acompanha na esperança de que o meu governo possa significar uma nova era”.

c) Interessante perceber a escolha das palavras feita pelo presidente, trabalhando um vocabulário simples e próximo da população, e ao mesmo tempo grandioso e eloquente. Explora o sentido da segurança, da justiça e da proximidade: *eis-me outra vez aqui ao vosso lado*. Além disso, coloca-se também como uma espécie de mártir, disposto a, junto com o povo, encarar desafios necessários: *na alegria e no sofrimento; nas horas de dor e de sacrifício*.

d) Por fim, cabe ainda destacar um aspecto que não se pode avaliar nesta transcrição, mas apenas na audição do discurso, por ser característica típica da oralidade: a emoção é significativamente aplicada como um recurso retórico na fala do presidente. Como afirma Koch (2006), “uma interjeição ou exclamação mostram que sua enunciação foi produzida de maneira direta, ‘arrancada da alma’ por uma emoção ou uma percepção”. Esse recurso faz com que a fala ganhe, por si mesma, um caráter de “prova” da argumentação, como se operasse de forma indicial: assim como a fumaça é indício do fogo, a emoção que aparentemente não pode ser negada pelos ouvintes é um indício da verdade do discurso, fazendo com que o conteúdo da enunciação também “não possa” ser negado.

## 5. HERANÇAS E DIFERENÇAS

Um dos mais recentes alvos do rótulo comum de populista é o presidente Luís Inácio Lula da Silva. Já consideramos que o rótulo é inadequado, mas traçaremos aqui um paralelo entre os recursos argumentativos utilizados por ele e por Vargas, tentando verificar o provável motivo desta adjetivação. Para isso, selecionamos uma edição do programa *Café com o Presidente*, veiculado no dia 1º de maio de 2006.

A edição foi escolhida em função de sua data, para que pudéssemos visualizar o tratamento dado por cada um dos presidentes à temática do Dia do Trabalho. Isto está sendo levado em conta por dois motivos: o primeiro, por uma questão de disponibilidade, já que dos materiais do período varguista encontrados em domínio público, todos diziam respeito a esta data; segundo, por uma questão de pertinência, pois a própria festa do dia do trabalhador ganhou as configurações que têm hoje durante o governo populista de Vargas.

Antes de seguir a análise, porém, é necessário fazer uma pausa para esclarecer questões conceituais. No *continuum* entre fala e escrita proposto por Marcuschi (2008), poderíamos situar o gênero textual *discurso político* na categoria dos textos que são escritos para serem lidos — como eram os discursos públicos de Vargas — e que, portanto, têm um caráter mais planejado. Por sua vez, o texto que vamos analisar aqui, por fazer parte do programa *Café com o Presidente*, é uma entrevista. No mesmo *continuum*, a entrevista estaria num grupo menos formal, de gêneros textuais orais, menos passível de planejamento.

Sem dúvida, este fator deve ser considerado em nossa análise, já que os textos de Vargas, pelo seu caráter, certamente eram planejados anteriormente, com o objetivo de melhor guiar a mensagem em função dos objetivos definidos para ela. Assim, poder-se-ia dizer que a carga de intencionalidade presente no discurso é mais evidente do que no caso da entrevista.

Porém, este elemento não é um empecilho à nossa análise. Primeiro, por reconhecer que os elementos constitutivos do discurso trazem ingredientes que não dizem respeito apenas ao indivíduo, na sua dimensão particular, mas a aspectos ideológicos que por vezes são institucionais, ou característicos de grupos sociais. Como já dito, a todo texto subjaz uma visão de mundo, que pode ser a mesma em textos de estruturas e funções diferentes. Se o objetivo aqui é enxergar as marcas das ideologias, o gênero textual talvez não seja tão determinante.

Segundo, porque a entrevista veiculada no *Café com o Presidente* tem peculiaridades. Na abertura do programa, já se afirma que ele é o “programa de rádio do Presidente Lula”. Em outras palavras, tem-se aí um caráter mais institucional, que tira parte da espontaneidade característica do gênero textual entrevista. É de se duvidar que o presidente participe de seu próprio programa sem saber a quais perguntas tem que responder, e sem planejar anteriormente quais respostas serão dadas a elas.

Enfim, resta apenas lidar com a característica que inevitavelmente irá diferenciar os textos: o uso da emoção como recurso retórico, devido aos contextos de enunciação. Se Vargas, ao falar às multidões que o ouviam nos estádios ou pelo rádio, podia se utilizar de alguma espetacularização dos discursos, cobrindo-os com uma aura de emotividade forte, Lula precisa manter-se mais “comportado”, já que o programa que veicula é feito nos moldes de um jornalismo mais sério, mais comprometido com a qualidade da informação. Em outras palavras, se Vargas podia tirar proveito de elementos emotivos da linguagem em função do contexto, Lula precisa se apoiar em fatores referenciais para conseguir a eficácia da sua argumentação.

Segue a transcrição do texto. Na internet, o título do programa, ele aparece como *Presidente Lula diz que trabalhador tem vitórias a comemorar neste 1º de maio*, tendo sido selecionado para análise o trecho em que Lula fala especificamente das comemorações da data.

Luiz Fara Monteiro: Presidente, segunda-feira, primeiro de maio, Dia do Trabalhador. O governo deve anunciar algumas medidas esta semana em comemoração à data?

Presidente Lula: O governo está preparando algumas medidas, Luiz, atendendo a uma reivindicação do movimento sindical, que chegou a consenso sobre algumas coisas importantes. A primeira sobre a criação do Conselho Nacional de Relações do Trabalho. A ideia é criar um canal permanente de negociação, de diálogo, entre o governo, empresários e trabalhadores. Nós já temos países importantes que fazem isso, e os dirigentes sindicais chegaram a

um consenso, portanto, nós vamos criar o Conselho de Relações do Trabalho. A segunda coisa importante é que nós vamos, através de um projeto de lei — e também as centrais sindicais chegaram a um consenso — nós vamos reconhecer a legitimidade das centrais sindicais, que até agora não foram reconhecidas. E a terceira coisa importante que nós estamos fazendo, também por consenso no movimento sindical, ou pelo menos a grande maioria das centrais concordou, é que nós vamos encaminhar ao Congresso Nacional uma proposta para ratificar a Convenção 151 da Organização Internacional do Trabalho. Essa convenção vai permitir a implantação da negociação coletiva no setor público, vai regulamentar o direito de greve. Acho que essas são algumas coisas importantes, além de uma consulta pública que nós vamos fazer e enviar, também, um Projeto de Lei para regulamentar as cooperativas de trabalho.

Luiz Fara Monteiro: Presidente, também essa semana as pessoas que recebem um salário mínimo começam a receber um novo valor, R\$ 350, em vigor desde o mês passado. O que um reajuste como esse representa?

Presidente Lula: Luiz, um salário mínimo sempre será pouco porque ele sempre será o mínimo. Mas o dado concreto é que praticamente dobramos o valor de compra do salário mínimo na medida em que ele comprava uma cesta básica, o equivalente a 1,3 da cesta básica, e hoje ele está comprando 2,2 cestas básicas. Esse é um ganho importante, porque os alimentos estão mais baratos e o trabalhador está podendo comprar mais. Também baixou muito o preço do material da construção civil, a começar do cimento. O trabalhador está podendo ter acesso a coisas a que antes ele não tinha. Há sempre pessoas que dizem que a Previdência vai quebrar, outros dizem que as prefeituras vão quebrar, mas o dado concreto é que nós não podemos deixar o trabalhador continuar quebrado. Nós temos que trabalhar para aumentar o poder aquisitivo dele. Além do salário mínimo, Luiz, nós fizemos a correção da tabela do Imposto de Renda já por dois anos seguidos, ou seja, já reajustamos em 18,8%, significando que setores médios da sociedade, que pagam Imposto de Renda, estão tendo sua situação um pouco melhor porque não têm que pagar, e as tabelas estão sendo reajustadas.

A principal semelhança entre os discursos de Vargas e de Lula está na escolha de um registro de linguagem que busca ser próximo da população de sua época. A escolha de registro os aproxima em trechos como aquele em que *o governo fala ao povo de amigo para amigo*, de Vargas, e o *dado concreto é que nós não podemos deixar o trabalhador continuar quebrado*, de Lula.

Lula também aproxima o governo dos interesses da classe trabalhadora, numa espécie de benevolência governamental: *nós vamos criar o Conselho*

*de Relações do Trabalho; nós vamos reconhecer a legitimidade das centrais sindicais, que até agora não foram reconhecidas; nós vamos fazer e enviar, também, um Projeto de Lei para regulamentar as cooperativas de trabalho; nós não podemos deixar o trabalhador continuar quebrado; nós temos que trabalhar para aumentar o poder aquisitivo dele.* Vale destacar que esta benevolência é reforçada porque, da mesma forma que Vargas, Lula se distancia da classe trabalhadora, colocando-a como uma terceira pessoa, como se pode notar no trecho final: *nós [o governo] temos que trabalhar e aumentar o poder aquisitivo dele [o trabalhador].*

Ainda nestes casos citados, já é interessante notar que, ao contrário de Vargas, Lula não traz para si a figura do governo. No uso das pessoas do discurso, prefere usar o plural (*nós*), o que descentraliza o governo do governante e já o afasta significativamente das práticas caracterizadas como populistas.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não é possível negar as similaridades presentes nas estratégias discursivas utilizadas por Vargas e Lula. Mesmo as diferenças que puderam ser notadas, por vezes, parecem muito mais determinações da ideologia política institucionalizada em dado momento do que a recusa a um mecanismo de argumentação existente e possível.

Por exemplo, o fato de Vargas utilizar a primeira pessoa no singular em seus discursos era determinado especialmente pelas exigências de uma ditadura de caráter populista, marcada pela exaltação da figura do chefe como um mecanismo de legitimação do sistema. Lula não se insere numa realidade como esta e não faz sentido, em seu contexto político e institucional, atribuir para si a figura do Estado.

A inserção das massas na dinâmica política brasileira é uma realidade plena e estabelecida desde a subida de Vargas ao poder. Antes da sua ditadura, as oligarquias ditavam as regras do jogo político, e o Brasil passou anos lançado à dinâmica dos coronelismos e dos interesses particulares nas determinações coletivas. Quando as oligarquias começaram a perder força, fazer com que a classe trabalhadora se inserisse na realidade política do país tornou-se uma necessidade para aumentar as bases sociais do poder e legitimar a ditadura que se instalava.

A massa passou a ser, irremediavelmente, um elemento do jogo político, e os grupos interessados em obter legitimidade precisaram começar a falar a língua que ele falava — coisa em que o Pai dos Pobres teve absoluto sucesso. Certamente, o seu jeito de falar ao povo permanece paradigmático. Assim, não só em Lula, mas ainda em muitas outras figuras políticas contemporâneas tão interessadas no apoio das massas, as semelhanças serão inevitáveis.

Fiz aqui o esforço de lançar olhares e contribuir na definição de rumos possíveis para a pesquisa sobre o populismo, esse fenômeno tão complexo que está delimitado no seu tempo, mas que é ainda tão significativo na realidade política brasileira. Sem pretender esgotar o assunto, pelo contrário, quero reforçar o quanto é necessário avançar na investigação sobre as influências do populismo

na dinâmica da nossa política, não apenas por meio dos estudos linguísticos, mas nos mais variados campos de pesquisa, nas mais variadas áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. São Paulo: FGV, 1999.
- EBC SERVIÇOS. Presidente Lula diz que trabalhador tem vitórias a comemorar neste 1º de maio. In: *Café com o Presidente*. Disponível em: <http://historico.cafe.etc.com.br/cafe/programas/212.2009-10-06.4182828754>. Acesso em 16 fev 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006
- DEBERT, Guita Grim. A Questão do Populismo – Populismo e Participação Política. In: MELO, José Marques de (coord). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e Linguagem*. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LIMA, Maria Emília A. T. *A Construção Discursiva do Povo Brasileiro: Os discursos de 1º de Maio de Getúlio Vargas*. : Editora da UNICAMP, 1990.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MONTES, Maria Lúcia. O Discurso Populista ou Caminhos Cruzados. In: MELO, José Marques de (coord). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. A Comunicação Populista de Aluizio Alvez – Rio Grande do Norte, 1960-1980. In: MELO, José Marques de (coord). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981.
- WEFFORT, Francisco Corrêa. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.